

Gestalt-terapia
CONCEITOS FUNDAMENTAIS

LILIAN MEYER FRAZÃO
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU
[ORGANIZADORAS]





CIP - Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G333

Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : conceitos fundamentais /
organização Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu. - 1.
ed. - São Paulo : Summus, 2014.

recurso digital (Gestalt terapia : fundamentos e práticas; 2)

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-323-0949-5 (recurso eletrônico)

1. Gestalt-terapia 2. Livros eletrônicos I. Frazão, Lilian Meyer. II.
Fukumitsu, Karina Okajima. III. Série.

14-09627 CDD-616.89143

CDU: 159.964.32



Awareness: experiência e saber da experiência¹

MÔNICA BOTELHO ALVIM

A noção de *awareness* é central no corpo conceitual e no método psicoterápico da Gestalt-terapia. A tradução do termo do inglês para o português remete de imediato à palavra “consciência”, devendo-se notar, entretanto, que *awareness* distingue-se da acepção de consciência como representação, reflexão, conhecimento ou juízo e assume, no vocabulário da Gestalt-terapia, um sentido próprio - que aqui sintetizamos como *saber da experiência*.

Como abordagem da psicologia que se diferencia por conceber o eu (*self*) como contato, movimento criador diante da experiência da novidade do mundo e do outro, a Gestalt-terapia compreende a existência como um fluxo contínuo de transformação e crescimento, dado a partir do contato no campo organismo/ambiente. É com base nessa situação de interação, na qual uma totalidade organísmica compõe com o ambiente um campo, que a existência se faz e refaz,

num movimento temporal de configuração de formas ou configurações que dão sentido e significado a si e ao mundo.

A noção de *awareness* está situada no campo de uma problemática central da psicologia, aquela da consciência (e inconsciência), cujas diferentes compreensões são reflexos dos fundamentos filosóficos e epistemológicos de cada abordagem. Quando concebe a existência como situação de interação, campo de experiência e presença, a Gestalt-terapia está fundamentada em referenciais fenomenológicos, existenciais e humanistas oriundos de uma rede de influências que inclui a psicologia da Gestalt, a teoria organísmica, a teoria holística e a teoria de campo. Inclui o existencialismo de Martin Buber e outro eixo paradigmático, trazido por influência de Paul Goodman: o pragmatismo de William James. Este propõe uma noção de consciência que tem pontos de contato com a fenomenologia, permitindo um diálogo entre os dois referenciais, o que foi realizado por Aron Gurwitsch, fenomenólogo norte-americano que desenvolve a noção de campo de consciência dialogando com James. Tal vertente também aparece nas discussões contemporâneas de Natalie Depraz. No Brasil, predominam estudos que buscam discutir o corpo teórico da Gestalt-terapia com base nos referenciais fenomenológicos e existenciais.

No livro que apresenta a Gestalt-terapia, os autores afirmam, já no Prefácio, pretender fazer, nessa abordagem, um redirecionamento de foco do inconsciente para os “problemas e a fenomenologia da *awareness*” (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p. 33). Concebendo a

awareness como um fluxo ou *continuum* dado pela experiência aqui-agora no contato com a novidade do outro (diferente), ela é descrita naquela obra como um processo que envolve contato, sentimento, excitação e formação de *Gestalten*.

A formação espontânea de *Gestalten* é por nós compreendida como configuração de sentido que emana da interação entre o organismo e o ambiente; sujeito e mundo compondo uma estrutura significativa e plástica.

Concebemos *awareness* como o *fluxo da experiência aqui-agora que, a partir do sentir e do excitação presentes no campo, orienta a formação de Gestalten, produzindo um saber tácito*. É nesse sentido que Robine (2006a, p. 73) predica *awareness* como “conhecimento imediato e implícito do campo”. Esse conhecimento imediato e implícito é um saber da experiência, dado de modo pré-reflexivo. O processo de *awareness* não pode produzir um tipo de saber explícito, reflexivo, visto que a consciência reflexiva pressupõe interrupção do fluxo da experiência. “Re-flexão” é flexão para trás, voltar-se para o que já passou, para aquilo que já desapareceu como dado no horizonte temporal do campo. Implica a cisão dessa totalidade organismo/ambiente.

Não é possível, assim, pensar em *awareness* se o ponto de vista for dualista ou dicotômico, mecanicista ou determinista-causal. O princípio básico da noção gestáltica de *awareness* é a perspectiva de campo.

Uma perspectiva que compreenda o processo da consciência como dado a partir desse complexo pessoa-mundo em um espaço-tempo presentes.

Considerando o contato como processo que acontece em um modo intermediário, entre os extremos de atividade e passividade, a Gestalt-terapia não trabalha com a hipótese de que na organização desse campo haja predominância de partes. No processo da *awareness* não há papel preponderante do “lado” organismo nem do “lado” ambiente. Não há uma concepção de um sujeito, ego ou consciência constituindo o sentido da experiência. Em outras palavras, a noção de *awareness* indica um tipo de consciência não egoica. Não se considera também o inconsciente como instância determinante do sentido da experiência. Tampouco se acredita que haja qualquer tipo de determinismo social.

O sentido é espontaneamente dado na experiência. Como abordagem que enfatiza a interação e a ação no campo, a Gestalt-terapia faz referência ao verbo, figura gramatical envolvida com a ação. Entre as flexões verbais, a “voz média” foi destacada por Perls, Hefferline e Goodman (1997). Trata-se de um recurso gramatical da língua latina ausente das línguas modernas empregado para ações que não se enquadram inteiramente na voz ativa nem na voz passiva (Lauand, 2004). De acordo com eles, aparecia nas línguas em uma fase da humanidade na qual consciência e mundo integravam o mesmo todo. Indicando o modo médio como o modo de funcionamento do sistema *self* de contatos e da *awareness*, Perls, Hefferline e Goodman (1997, p.

182) sublinham essa interação e apresentam uma ideia de existência baseada na ação que se dá como espontaneidade no modo médio.

A espontaneidade é o sentimento de estar atuando no organismo/ambiente que está acontecendo, sendo não somente seu artesão ou seu artefato, mas crescendo dentro dele. A espontaneidade não é diretiva nem autodiretiva, e nem nada a está arrastando embora seja essencialmente descompromissada, mas é um processo de descobrir-e-inventar à medida que prosseguimos, engajados e aceitando o que vem. O espontâneo é tanto ativo quanto passivo, tanto desejoso de fazer algo quanto disposto a que lhe façam algo; ou melhor, está numa posição equidistante dos extremos (nem passivo, nem ativo), uma imparcialidade criativa.

Os autores recorrem à arte para discutir essa imparcialidade criativa, considerando a atividade artística a realização espontânea de uma forma objetiva. Durante o fazer, o artista não é inconsciente em sua atividade, tampouco deliberadamente calculista, “sua *awareness* está numa espécie de modo intermediário, nem ativo, nem passivo, mas que aceita as condições, se dedica ao trabalho e cresce no sentido da solução” (*ibidem*, p. 59). Ressaltamos de início que propor uma nuance passiva da *awareness* é diferente de pensá-la como inconsciente ou como determinada de fora. Ao discutir a função id do sistema *self*,

Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 186) afirmam que “a sensação de passividade vem do ato de aceitar sem compromisso”.

A passividade é um tema presente nas discussões fenomenológicas acerca da intencionalidade da consciência e de seu caráter de temporalidade. Ao discutir a temporalidade nas obras *Lições sobre a consciência imanente do tempo* e *Análise sobre a síntese passiva*, Edmund Husserl dá espaço ao tema da passividade. Para ele, tal como discute Ferraz (2003, p. 66) “o ego está envolvido por uma atmosfera passiva, em que ocorre uma organização autônoma do campo de significações”. Husserl descreveu a consciência como um fluxo temporal no qual cada ato intencional se modifica em um sedimento que não depende da atividade do ego para se manter e, modificado, torna-se um horizonte para as experiências vindouras. A atividade da intencionalidade operativa é sintético-passiva, ou seja, não deliberada (Müller-Granzotto e Müller-Granzotto, 2007). Está aqui, na ideia husserliana de organização autônoma do campo da consciência, o tipo de passividade presente também na noção de *awareness*. A experiência já se dá de maneira espontânea como uma organização estrutural que configura sentidos em formação, ou seja, na ação (espontânea) de formar ou configurar formas. Concepção que se aproxima da experiência perceptiva tal como proposta por Merleau-Ponty (1973), dada a partir de um campo de presença, que integra consciência e mundo, gerando espontaneamente uma forma significativa. O filósofo compreendeu o corpo como origem dessa correlação eu-mundo

(Merleau-Ponty, 1994). Para ele, é nessa correlação dada no encontro e na experiência primeira do sujeito com o mundo que uma forma espontânea nasce, brota como figura do fundo comum, indicando o sentido que aquela experiência vai assumindo. O corpo é um campo perceptivo-prático, a consciência é corporal. Ele cunha o termo “fé perceptiva” para afirmar que é no corpo perceptivo-prático inserto no mundo que surge uma certeza inexplicável, “uma adesão que se sabe além das provas, não necessária, tecida de incredulidade, a cada instante ameaçada pela não fé” (Merleau-Ponty, 2000, p. 37). Ao propor a noção de corporeidade, o autor indicava que a experiência do corpo é dada como uma totalidade imbricada no mundo e que o poder expressivo da forma não está localizado no corpo ou na subjetividade, mas na corporeidade, nessa experiência no mundo (Alvim, 2012).

A Gestalt-terapia considera o organismo uma totalidade mente/corpo imbricada no campo. O corpo e a mente, assim como o ambiente, não são considerados de modo isolado, sendo abstrações da situação de interação. A literatura não faz, assim, referência ao corpo, mas ao organismo e ao campo. O corpo é referido mais diretamente nas partes dedicadas ao assunto da neurose, estado no qual há rompimento da unidade mente, corpo e mundo externo. Nas discussões acerca da *awareness*, porém, há muitas referências a funções e dimensões corporais. Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 33) ressaltam que há na *awareness* uma “integração sensório-motora” que envolve aceitação e trabalho de transformação e crescimento. Essas dimensões são

conectadas e integram o sentir e a ação motora, predominando, no sentir, a aceitação e, no motor, a transformação.

O caráter de aceitação está envolvido com a experiência da fronteira, momento do encontro com a novidade, com a diferença, com o outro, inaugurando o processo de contato. A fronteira não é um lugar, um espaço, mas um campo de presença, vivido temporal e corporalmente quando deparo com o novo ou diferente e estranho e sou afetado. Aqui entra em jogo a dimensão *sentir* da *awareness*, que pode ser discutida com base em algumas perspectivas. Queremos enfatizar o sentir ser e aceitar ser afetado. Ambas são experiências pré-reflexivas e estão intimamente ligadas; para ser afetado pelo outro é necessário que haja abertura, entrega e aceitação. Ribeiro (2006) refere-se a *awareness* como apreensão de totalidades. Corrobora essa noção de abertura, entrega e aceitação ao conotar esse processo como “chegada do sentido para mim da relação eu-mundo como uma consciência corporal de totalidade” (*ibidem*, p. 74).

Bondía (2002) discute longamente o tema da experiência no artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, que inspirou o título deste artigo. Ele relaciona experiência e sentido, afirmando a experiência como aquilo que nos passa, nos acontece, nos chega e toca; o sujeito da experiência é, em sua perspectiva, território de passagem, aquele lugar a que chegam as coisas, onde têm lugar os acontecimentos. De acordo com o autor, o sujeito da experiência se

define por certa passividade, no sentido de receptividade e abertura. Para ele, trata-se de

uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (Bondía, 2002, p. 24)

É desse modo que conotamos o sentir envolvido no fluxo de *awareness*. Este se define como uma experiência de abertura e disponibilidade que permite um arrebatamento por aquilo que está dado no campo, na situação vivida, exigindo uma fé na situação, uma abertura sensível dada pela presença. Chaui (2002, p. 162) lembra que para Merleau-Ponty a experiência é exercício do que ainda não foi submetido à separação sujeito-objeto, promiscuidade das coisas, dos corpos, das palavras, das ideias. É atividade-passividade indiscerníveis. A dimensão de aceitação da *awareness* está relacionada à tensão atividade-passividade inerente à experiência, esse processo temporal compreendido como aquilo que nos passa, nos acontece, nos toca e ocorre no campo complexo da interação eu/outro/mundo, do contato.

Michael Vincent Miller (*apud* Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p. 25) afirma que a demarcação da fronteira de contato se dá a partir da experiência de alteridade, quando se abre “um sertão, ainda

desconhecido, que é a alteridade inexaurível do mundo”. Isso nos leva à dimensão de travessia que está na origem do termo “experiência”. O radical latino *peri*, que aparece na palavra “experiência”, está também no termo “perigo”. De acordo com Bondía, a raiz indo-europeia da palavra é *per*, relacionada a travessia se pensarmos, por exemplo, na palavra “perpassar”. Podemos poeticamente falar da experiência como uma travessia “perigosa” - ou excitante, tal como propunham Perls, Hefferline e Goodman - entre o eu mesmo e outrem. Entre o que me é próprio, já domesticado, visível, e o sertão ainda desconhecido, a alteridade inexaurível do mundo. A dimensão sentir da *awareness* envolve, assim, abertura sensível para ser afetado nessa travessia.

O *excitamento*, segunda dimensão da *awareness*, marca o surgimento de uma figura de interesse no campo e, nesse sentido, é “evidência de realidade” afirmam Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 47). Ou seja, quando na experiência algo se delineia como figura, significa que está conectado com o surgimento de uma necessidade e que o fundo indiferenciado começa um processo de diferenciação. O excitamento, crescente, flui do fundo em direção à figura. “O interesse e o excitamento da formação figura/fundo são testemunhos imediatos do campo organismo/ambiente” (p. 48). A noção de dominância está relacionada a esse ponto no qual o interesse e o excitamento se diferenciam do fundo e emergem como figura em formação. O excitamento, que abrange excitação fisiológica e emoção, “cresce em direção à solução vindoura mas ainda desconhecida” (p. 48). É a

energia que nos movimenta para o futuro, em direção à novidade e sua descoberta e invenção.

Quando a novidade que se apresenta no campo pode ser vista e aceita, o fundo se diferencia e o excitamento produzido permite a formação de uma figura dominante, vigorosa e brilhante. Quando há conflito, uma perturbação da homogeneidade do fundo impede que uma figura nítida e forte surja.

Os conflitos podem representar diferentes situações, sendo “todo conflito fundamentalmente um conflito nas premissas da ação” (*ibidem*, p. 216). Essa afirmação aponta para a ação motora: gesto corporal que indica o sentido que a situação vai assumindo. As premissas da ação envolvem uma complexidade de dimensões entrelaçadas na totalidade do campo: necessidades, desejos, valores, situações inacabadas, os objetos, as demandas e as forças presentes no ambiente, na situação sócio-histórica. Quanto mais movimentado é o fundo, tanto mais excitamentos conflitantes e figuras opostas ou alternativas e, em consequência, a figura que emerge é débil, fraca, predominando uma forma pouco definida. O gesto corporal envolvido na ação reflete esse conflito em sua forma, podendo, por exemplo, mostrar contradição com o conteúdo da fala, ser vacilante ou hesitante.

Pautados em critérios estéticos, compreendemos que as formas gestuais fluidas e plásticas indicam que o sentido em formação é adequado, integrador. O movimento do excitamento não é

fragmentário, não nos lança ao novo absoluto, mas é fluido e indica apenas que uma parte do campo se diferenciou e tomou um lugar de centralidade e importância (Latner, 1976). Cada movimento em direção ao novo, nessa concepção, nos coloca em seguida novamente na experiência da unidade, pois, do contrário, a existência seria uma sequência de espasmos, destituída de fluidez. Daí o terceiro elemento da *awareness*, a *formação de Gestalten*, que nos dá essa unificação como uma configuração espontânea que reintegra o todo em uma significação. Uma vez dada essa integração, a figura retraiu-se e se reintegrou, tornando-se fundo para novas experiências, indefinidamente. Esse é um desdobramento temporal que descreve, pelo contato, nossa concepção de existência.

Em suma, a noção de *awareness* aponta para uma concepção que: não dicotomiza consciência-inconsciência; apoia-se em um paradigma de campo; concebe a existência humana como formação ou configuração de formas espontâneas que se configuram no campo organismo/ambiente; compreende essa forma como configuração ou totalidade de partes que se relacionam por uma espécie de mutualidade; é aqui definida como *fluxo da experiência aqui-agora que, a partir do sentir e do excitamento presentes no campo, orienta a formação de Gestalten, produzindo um saber tácito que denominamos saber da experiência*.

A NEUROSE, A TERAPIA E O TRABALHO COM A AWARENESS

A concepção aqui discutida descreve como a Gestalt-terapia compreende a existência humana saudável: a manutenção do livre fluxo de *awareness*, possibilitando uma contínua configuração de formas. Sem pretender dicotomizar saúde e doença, visto que nossa perspectiva as considera extremos de um mesmo eixo, ressaltamos que nosso critério de saúde está relacionado à capacidade plástica do campo organismo/ambiente, mantendo aquela totalidade em um equilíbrio dinâmico. A neurose é considerada conflito do campo e não conflito intrapsíquico e, como tal, está envolvida com perda da capacidade plástica dessa totalidade. Desse ponto de vista da interação organismo/ambiente, o indivíduo adoece também na medida em que o mundo está doente. Os conflitos sociais, as crises culturais, políticas e econômicas afetam o equilíbrio da totalidade. A ideia de uma doença restrita ao indivíduo ou à sociedade é frágil e não se sustenta.

Considerando o lugar central que o tema da *awareness* ocupa na clínica da Gestalt-terapia, faz-se necessário discutir de forma mais específica de que modo ela está implicada no processo de adoecimento.

Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 61) indicam algumas qualidades que a *awareness* pode assumir nas experiências singulares: impotente, ociosa, criativa, força integrativa. Referem-se a uma “verdade da situação” para aludir, tal como compreendo, ao equilíbrio dinâmico do campo e à afirmação da proposta de que, no extremo da saúde, a “verdade” última provém da situação de interação. Assim,

uma *awareness* impotente refletiria uma experiência na qual o sentido é dado de fora e o modo da ação é pura passividade. Uma *awareness* ociosa indicaria uma experiência na qual o saber-se na situação não mobiliza rumo à ação integradora, havendo, ainda, passividade e paralisia. Ao contrário, uma *awareness* criativa é ativa na situação e, se exerce uma força integrativa, colabora na correlação de forças do campo para o equilíbrio que permitirá a formação de *Gestalten* e a produção de sentidos como verdade que nasce na situação.

A situação é uma estrutura complexa que envolve dimensões mais próximas e mais distantes do organismo, todas entrelaçadas compondo uma totalidade. O organismo, o ambiente próximo, o outro, o grupo, a sociedade, o planeta. As partes dessa estrutura compõem uma totalidade em tensão dialética, tensão que movimenta o campo e o excitação. O excitação da *awareness* está sempre relacionado a uma dominância que não envolve apenas uma necessidade “interna” do organismo.

A manutenção do fluxo de *awareness* depende sobretudo do grau de tensão na interação organismo/ambiente na fronteira de contato. Quando a interação é simples, há pouca tensão, permitindo fluir livremente o excitação que orientará a formação de *Gestalten*. As condições para essa possibilidade não estão apenas no organismo, mas no campo. Quanto mais fácil for a interação, significa que o sistema funcionou no modo médio e não houve demanda de um trabalho ativo de integração - a formação de *Gestalten* se deu espontaneamente, sem

esforço, de modo quase imperceptível. Diz-se que em situações desse tipo há pouca *awareness*.

A dificuldade na situação de interação ocorre sempre que há um conflito, gerando tensão no campo. Esta decorre de forças opostas ou alternativas presentes no campo que podem envolver diferentes dimensões: necessidades, desejos, crenças, valores, moral introjetada, situações inacabadas, conflitos sociais, familiares etc. Fato é que, na medida em que mais conflito e tensão estão presentes, mais barreiras e impedimentos ao fluxo de *awareness* surgem, resultando em mais demora e indefinição na formação de uma figura de interesse dominante. Esse retardamento do fluxo exige esforço de deliberação, atividade e separação da situação, transformando a *awareness* em consciência reflexiva: rompimento da totalidade mente, corpo e mundo externo e perda da integração espontânea no campo.

Em situações de interação que envolvem um desequilíbrio muito grande entre forças do ambiente e do organismo, o alto grau de tensão ativa funções fisiológicas de emergência que visam reduzir a tensão e restaurar o equilíbrio. As funções fisiológicas são parte do sistema autônomo e envolvem um modo não consciente e não voluntário de funcionamento. Respondendo ao movimento de conservação do organismo, promovem um rompimento radical, ainda que temporário e emergencial, da unidade organismo/ambiente. De acordo com cada situação - perigo ou frustração -, ativam-se funções específicas que podem englobar hiperatividade ou subatividade.

Quando as situações de perigo ou frustração são extremas ou recorrentes, pode haver um reajustamento da fisiologia, uma espécie de novo conservadorismo não consciente que a Gestalt-terapia denomina “fisiologia secundária” (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p. 207). Tal conservadorismo representa a fixação em um modo de funcionamento automatizado e não consciente, fechado sobre si mesmo e desconectado do ambiente. O automatismo é uma espécie de padrão motor, um estado corporal tenso que impede o excitamento de fluir. É nesse sentido que a neurose é definida como situação de emergência crônica de baixa intensidade, na qual funções temporárias de emergência se cronificam, promovendo um conjunto que envolve hipertonia inconsciente da muscularidade, percepção excessivamente vigilante e propriocepção reduzida.

Se retomarmos aqui as dimensões da *awareness*, veremos que a neurose está relacionada de modo central com sua perturbação. Em primeiro lugar, a sensação crônica de perigo prejudica o sentir em suas dimensões de afetação e abertura. Há dessensibilização e medo, distanciamento da experiência e da realidade da situação de interação. O excitamento não flui; é impedido pela hipertonia da musculatura, pelo automatismo e pela fixação da forma. A existência perde a plasticidade, não há fluxo de formação de *Gestalten*, não há *awareness*.

O “descobrir e inventar” descrito por Perls, Hefferline e Goodman para se referir à espontaneidade e à posição intermediária entre

atividade e passividade está prejudicado, esquecido ou perdido. O sentido temporal de possibilidade, a segurança diante do novo, a fé na situação e o movimento confiante rumo à invenção do futuro são substituídos por uma fixação em uma forma do passado. A excitação que movimenta para o inventivo está anestesiada, o corpo age de modo mecânico, desligado do desejo e da situação.

O objetivo principal da terapia é retomar o fluxo de *awareness*. Laura Perls (1992, p. 138) afirma, nesse sentido, que

o objetivo da Gestalt-terapia é o *continuum* da *awareness*, a formação continuada e livre de Gestalt, onde aquilo que for o principal interesse e ocupação do organismo, do relacionamento, do grupo ou da sociedade se torne Gestalt, venha para o primeiro plano e possa ser integralmente experienciado e manejado (reconhecido, trabalhado, selecionado, mudado ou jogado fora etc.) para que então possa fundir-se com o segundo plano (ser esquecido ou assimilado e integrado) e deixar o primeiro plano livre para a próxima Gestalt relevante. (Tradução nossa)

A Gestalt-terapia é uma terapia da formação ou configuração de formas e compreende que o processo de formação de *Gestalten* é dirigido pelo livre fluxo de *awareness*, a partir das experiências que se dão sempre com o diferente e novo. Tornar-se *aware* da experiência imediata com o outro é focar-se na situação aqui-agora.

A proposta de método terapêutico implica concentrar-se na estrutura concreta da situação, tornando presentes as fixações e tensões que se apresentam, na forma que se configuram. “Na realidade, o que tentamos fazer na GT é trazer de volta para a figura as fixações que se tornaram de certo modo petrificadas e apenas estados de existência onde elas então possam ser experienciadas como atividade atual, que ainda é realizada agora, porque todos os músculos envolvidos são voluntários” (Perls, 1992, p. 139, tradução nossa).

Ao levar a atenção ao mesmo tempo leve e intensa sobre o instante presente, a terapia busca propiciar a percepção das formas fixadas, das tensões musculares, do corpo e do gesto presente. Atentar para a forma da fixação permite acessar o conflito presente na estrutura que se apresenta - e inclui o terapeuta. A partir do contato com essa estrutura aposta-se no resgate da confiança na situação de interação, aceitando o desafio de enfrentar o risco da travessia implícito na experiência, o que pode acordar o corpo adormecido e fixado na forma passada e desconectado do espaço-tempo presente.

A terapia de concentração proposta pela Gestalt-terapia visa restabelecer o *continuum* de *awareness*, ou seja, o fluxo temporal da experiência aqui-agora. Tendo na perspectiva de campo o princípio básico, o trabalho terapêutico não pode prescindir de retomar, no campo da psicoterapia, uma implicação na relação que parta do corpo, da experiência e de um saber não reflexivo. O trabalho terapêutico é com aquilo que está em via de se formar, com o fluxo de configuração

de formas, de sentidos se fazendo, de modo fugaz e efêmero. Robine (2006b) sublinha o caráter de temporalidade da Gestalt-terapia e refere-se a ela como estética da efemeridade.

O trabalho com a *awareness* visa possibilitar a fluidez do processo da consciência por meio da corporeidade, da retomada da noção de ser um corpo que devolva à pessoa a sensação de possibilidades, o sentido de eu posso, de criação, de transformação.

Propomos, desse modo, o engajamento na situação, enfatizamos a relação com o mundo e com o outro como constitutiva do ser e como a origem do sentido. A situação de engajamento no mundo com o outro pode ser uma morada, um abrigo. Na Grécia antiga, a natureza era concebida como *ethos*, lugar de acolhida, morada, abrigo, onde pudéssemos nos sentir confiantes diante do outro diferente. É de modo corporal e pré-reflexivo, por meio de uma experiência que é sobretudo estética, que podemos nos conectar com o outro e “con-fiar”, ou seja, fiar juntos o sentido da vida.

A concepção de *awareness* como abertura sensível e geração espontânea de formas está estreitamente relacionada a uma vertente de pensamento da qual a Gestalt-terapia é pioneira e inclui a psicologia no campo das perspectivas ético-estéticas. Perspectivas que se desviam do pensamento interpretativo-explicativo em direção à valorização da experiência, do risco, da aceitação e do acolhimento do novo e da diferença como formas criativas da existência.

A linguagem da terapia não é racional, mas poética, visando o trabalho com o fluxo de *awareness* à criação na mutualidade com o outro, um movimento *poiético*. Merleau-Ponty afirmou uma *poesia das relações humanas* como o apelo de cada liberdade a todas as outras. Podemos encerrar resgatando Holderlin, o poeta dileto de Heidegger, quando diz que *é poeticamente que o homem habita a Terra*, para afirmar a Gestalt-terapia como a busca de um modo poético de morar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, M. B. “Corpo, corporeidade”. In: D’ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. (orgs.). *Dicionário de Gestalt-terapia - Gestaltês*. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Summus, 2012.
- BONDÍA, J. L. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan.-abr. 2002, p. 20-28. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE> Acesso em: 19 out. 2013.
- CHAUI, M. S. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FERRAZ, M. S. A. “Notas sobre a passividade em Merleau-Ponty”. *Trans/formação*, São Paulo, v. 26, n. 2, 2003, p. 65-83.
- LATNER, J. *The Gestalt therapy book*. Gouldsboro: The Gestalt Journal Press, 1976.

LAUAND, J. *Aspectos do ensino na filosofia da educação de Tomás de Aquino - A memória e o concreto*. Notas de conferência proferida no I Colóquio Filosofia e Educação “Educação e Educadores”, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/rih8/jean.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2013.

MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, 1973.

_____. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. *Fenomenologia e Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2007.

PERLS, L. *Living at the boundary*. Highland: The Gestalt Journal, 1992

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, J. P. *Vade-mécum de Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2006.

ROBINE, J. M. *O self desdobrado*. São Paulo: Summus, 2006a.

ROBINE, J. M. (org.). *La psychothérapie comme esthétique*. Bordeaux: L’exprimerie, 2006b.

1. Trabalho realizado com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ (FAPERJ - auxílio APQ1)